



EDITORIAL

# Sexualidade e masculinidade

## Sexuality and masculinity

VANDIRA MARIA DOS SANTOS PINHEIRO\*

Desde o final dos anos setenta, com os estudos de gênero, o enfoque feminista definia a sexualidade masculina como dominadora e opressiva, considerando a mulher como vítima e objeto da sexualidade masculina. Destacava a presença de um duplo padrão de moral sexual, que estimulava nos homens a atividade sexual, a multiplicidade de parceria, de experiências e expressão pública de sua iniciativa sexual, ao passo que exigia das mulheres uma conduta contrária.

Os estudos de gênero, e em particular os estudos de masculinidade, tem permitido pensar que há uma tensão e conflito nos homens entre os seus desejos sexuais e os operativos de dominação, que geram fantasias e formas de condutas opressivas para as mulheres.

Embora as definições de masculinidade variem de uma cultura para outra, conforme classes sociais, etnias, preferências sexuais e as etapas nas trajetória de vida, os homens de diversas culturas têm em comum a necessidade de demonstrar permanentemente sua virilidade. Dessa maneira, o que uma cultura conceitua como o comportamento sexual apropriado para os homens requer o uso da virilidade, independente de seus desejos e preferências, em uma constante tensão entre o desejo de prazer e o de poder.

Seidler (1995) se refere a tensões entre os desejos dos homens na construção ocidental da masculinidade, que se expressam em sua sexualidade. Junto com a noção de sexualidade, como uma *necessidade irresistível*, que é expressão da *natureza ani-*

*mal* dos humanos, a modernidade ocidental proclama o dualismo cartesiano entre mente e corpo e identifica a masculinidade com a racionalidade, situando o corpo como uma entidade separada, que necessita ser controlada pela mente, treinada e disciplinada.

Ao mesmo tempo, os homens vivenciando essa concepção de masculinidade dominante crescem com a idéia da sexualidade em termos de conquistas e rendimentos, como uma maneira de provar sua masculinidade frente aos pares, e não em relação aos seus desejos e emoções. Assim, os homens se sentem em conflito pelo temor da intimidade e o temor da rejeição e tendem a separar a sexualidade do contato com as emoções.

A aprendizagem do autocontrole racional de suas emoções e sentimentos, aparece como necessário para alcançar a autonomia e a independência que requer o ser masculino. Posto que a razão se situa em oposição à natureza, e a sexualidade é pensada como parte da natureza, a superioridade masculina se constrói controlando a própria sexualidade. Nessa construção da masculinidade, as mulheres são identificadas com o irracional, as emoções, a sexualidade, a natureza, porém, ao mesmo tempo, provocadoras de seu descontrole, responsáveis pela excitação masculina.

Para demonstrar a si mesmo e aos seus pares que são homens, usam uma linguagem para defender sua imagem e não para expressar suas necessidades emocionais, desta maneira, fica difícil conciliar a maneira de comportar-se com outros jovens e a forma de relacionar-se intimamente com uma mulher. Sentem que falar de sexo é a maneira mais segura de matar seus sentimentos, estão pouco dis-

\* Professora convidada - Programa de Pós-Graduação em DST/Setor DST/MIP/CMB/CCM - UFF



postos a falar de suas necessidades e vulnerabilidades. A ruptura entre sexo e intimidade, e a relação externa e possessiva da mente com o próprio corpo, converte o sexo em um assunto de rendimento. A instabilidade da identidade masculina, a necessidade permanente de demonstrar e afirmar que se é homem, gera uma pressão interna para as relações sexuais independentemente de um reconhecimento íntimo dos desejos, e transforma o rendimento sexual em uma meta, um meio para demonstrar e afirmar masculinidades.

Horowitz e Kaufman (1989) propõem que a sexualidade masculina deve ser interpretada no contexto de uma sociedade de classe que reprime a polissexualidade e sobrepõe a masculinidade e a feminilidade ao dualismo atividade/passividade. Referindo-se que as sociedades capitalistas, propõem que independentemente das diferenças culturais, de classe, étnicas e generacionais, a maioria dos homens, nestas sociedades, têm sentimentos conflituosos à respeito de sua sexualidade, sentindo-se confusos entre seus desejos sexuais e as necessidade de afirmação da masculinidade, que se transformam em fantasias e formas de conduta agressivas e possessivas.

Apoiando-se no construtivismo social e na psicanálise, estes autores assinalam a sexualidade como um sistema socialmente construído de conflito e tensão interna. Uma das principais tensões presentes na sexualidade masculina é a impossibilidade de abrigar simultaneamente desejos ativos e passivos sem que estes gerem conflito e temor. Os autores situam esses temores em sociedades que atribuem um valor simbólico de atividade e poder aos genitais masculinos.

Independente das relações entre as pessoas, é o conjunto das instituições, de normas sobre a família e o parentesco, é toda uma cultura que o ensina que ser homem equívale a ser ativo, agressivo, extrovertido, ambicioso, independente. Oposições binárias tais como sujeito/objeto, atividade/passividade, e noções de causa e efeito se situam na estrutura básica das línguas indo-européias das sociedades modernas. Nelas, a construção social da sexualidade reprime e suprime uma gama de prazeres sexuais na medida em que interiorizam as divisões básicas dessa sociedade: masculino *versus* feminino, ativo *versus* passivo, sujeito *versus* objeto, normal *versus* anormal, classes dominantes *versus* classes dominadas, humano *versus* natureza.

Uma dessas suposições consiste no processo de codificação sexual, ou redução das mulheres e seus corpos como objetos do desejo sexual masculino, assim como a concentração do sexual em certas partes do corpo e a redução do corpo das mulheres a uma da “funções” possíveis: reprodutiva e erótica.

Mediante este processo, a polissexualidade se reduz à heterossexualidade como uma norma e à sexualidade genital. A masculinidade-agressão e a feminilidade-passividade se sobrepõem à divisão natural dos sexos. Para ser homem é necessário dominar a natureza e a sexualidade, e as mulheres à passividade. Junto com a repressão da polissexualidade e a tendência inconsciente a que o corpo e partes do corpo representem na pessoa objeto do desejo, fragmentando essa pessoa em partes e processos componentes, se agrega a definição social das mulheres em relação com certos atributos físicos, que são objeto do desejo sexual.